



N.º 103 — LISBOA, 29 DE DEZEMBRO

2.º ANO 1904

PARODIA

COMEDIA PORTUGUEZA



Publica-se ás quintas-feiras
Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador da
PARODIA-COMEDIA PORTUGUEZA
PREÇO AVULSO 20 RÉIS
Um mez depois de publicado 40 réis

Redacção e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º

Assignaturas (pagamento adiantado)

Lisboa e provincias, anno 52 num. 12000 rs. || Brazil, anno 52 numeros..... 25000 rs.
Semestre, 26 numeros..... 5500 rs. || Africa e India Portuguesa, anno 12000 rs.
Cobrança pelo correio..... 3100 rs. || Estrangeiro, anno, 52 numeros.. 15500 rs.

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre accetam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CANDIDO CHAVES

COMPOSIÇÃO
Minerva Peninsular

82, Rua do Norte, 82

IMPRESSÃO

Lithographia Artistica

Rua do Almada, 32 e 34

NA ALTA RODA

A questão das carnes



—Pois eu cá, minhas senhoras, sou todo pela carne. Muita carne fresca, limpa e barata...

MEDIANOCHE

Não ha facto que produza impressões mais oppostas no espirito dos homens do que o advento de um novo anno.

Aos vinte annos transpõe-se um anno mais com a ligeireza com que se transpõe o fio d'agua de um regato, sem perplexidades e sem interrogações, assobiando e cantando. O anno passa e não o vemos. Quando repararmos que o tempo passou, temos — vinte e cinco.

Só a partir dos vinte e cinco, começamos a contar os annos que vem vindo; mas como os contamos! com que vagares e com que delicia! Diz-se-ia que os bebemos aos golos, com a volupia com que se bebe um vinho generoso.

A vida aos vinte e cinco annos é um fructo que cada vez amadurece mais e se torna mais saboroso.

Mas eis aqui os trinta, e, pela primeira vez, o homem observa que tem vivido, olha para traz com um vago orgulho, como um *touriste* que, tendo feito uma bella ascensão, contempla um bello panorama.

Dos trinta aos trinta e cinco, os annos passam ligeiros. Cada anno que vem não é ainda uma porção de vida que se perde, mas uma porção de terreno que se ganha.

Estamos na idade da força e do triumpho.

Os homens avaliam da sua capacidade para a vida pela sua capacidade para o amor. Vinte annos é uma idade cheia de poesia. Trinta annos é uma idade cheia de factos. Vinte annos é uma idade lyrica. Trinta annos é uma idade de meza redonda. A vida é um banquete. O homem tem um magnifico appetite, bello estomago, optimos dentes. Come.

Dos trinta aos trinta e cinco, o homem esquece-se de que já não é novo, para se lembrar que ainda é forte.

Emquanto usa e abusa da sua força, o tempo passa. Passa mesmo algum tempo mais, até que uma manhã, ao espelho, eil-o que descobre um cabello branco e uma ruga.

As primeiras invasões da velhice produzem no espirito do homem, ao contrario do que succede com as mulheres, uma impressão quasi feliz. Os primeiros cabellos brancos envaidecem o homem. As mulheres escondem-nos. Os homens mostram-nos, porque ter vivido, para o homem, é uma victoria e para a mulher é a derrota. O homem attribue aos seus primeiros cabellos brancos uma significação quasi commovente, porque elle não funda o seu prestigio na sua belleza, mas na sua força, ao contrario

do que succede com as mulheres, que só o fundam na sua belleza. Os primeiros cabellos brancos do homem são as suas primeiras cicatrizes. Orgulha-se de os ter. Quem não mostra um primeiro cabello branco? Quando já não é ativo de viver, o homem orgulha-se de ter vivido. Para a mulher, ao contrario, ter vivido é morrer.

Aos quarenta annos, o homem attribue-se a graça soberba e melancolica dos heroes.

Mas ai do homem! Os quarenta annos passam, os seus cabellos brancos multiplicam-se, a sua face esplendida mostra os primeiros signaes da fadiga de viver. Se até ahi caminhava descuidosamente, ou orgulhosamente pelo tempo afóra, é com hesitação que passa a caminhar. O seu desejo não seria já andar para diante, mas para traz. Quando um novo anno vem, entra n'elle com um fundo suspiro. Considera com melancolia os tempos que se approximam. Parece vel-os já chegar. Não é elle já que caminha para o tempo. Agora é o tempo que parece caminhar para elle.

Dos quarenta aos quarenta e cinco annos, o homem agarra-se com todas as suas forças ao vestido branco da mocidade que foge. E' a sua idade ridicula.

A ultima coisa de que o homem se despede é do amor. E' então que o homem descobre que as mulheres só amam verdadeiramente — os velhos. Condecora-se com graças superiores ás da juventude. O que já não dá em improvisação e em bravura, pretende dar em meditação e em saber. Procura seduzir pelas graças do espirito, se não tem outra riqueza, e por esta, se a tem. Faz hygiene, faz massagens, faz mesmo um pouco de *maquillage*. Começa reconditamente a desiludir-se da vida, mas continúa ostensivamente a viver.

Emquanto não se approximam os cincoenta annos, o homem recú na sua imaginação esse prazo fatal. Ainda vae até aos quarenta e oito, mais ahi-pegá se, deita-se no chão, recusa-se a ir para diante, como um animal que viu uma sombra e não quer passar. Não perguntemos nunca a um homem de cincoenta annos que idade tem! — Tem sempre quarenta e oito.

Cincoenta annos é o nosso peor bocado. Mas é breve. Desde que o homem se resigna a ter cincoenta annos, se é certo que não volta a ser moço, volta a ser feliz. Verifica as suas forças e encontra-as ainda opulentas; considera o tempo que ainda lhe resta a viver e vê ainda muito tempo diante de si. Aos vinte annos a vida não tem limite, mas aos cincoenta, um prazo de vinte é a Eternidade.

Metade da vida é tomada pela Paixão, outra pela Commodidade. A

partir dos cincoenta annos, o homem declara-se francamente fatigado, e se até ahi procurava na vida movimento, agora procura repouso. Cincoenta annos é a sua idade alta e fecunda. Mais do que nunca, elle vive para a razão. Cincoenta annos é a idade da paternidade feliz. Mais do que nunca elle vive para a familia. Antes dos cincoenta annos, os filhos são um accidente da juventude. Só aos cincoenta se attinge a realza paterna. E' então que elle consolida a fortuna, prepara o futuro, controe a casa, planta a arvore.

Assim se passam dez annos occupados, activos, productivos, affectuosos, venturosos. O homem não os contou. Sente em volta de si uma estreita solidariedade de interesses, e ser preciso é quasi uma garantia de viver. Mas aos sessenta annos, esta confiança abala-se, o homem medita supersticiosamente na morte e se aos quarenta começa a contar cada anno que vive como um anno a mais, agora começa a contar cada anno que vae vivendo, com um anno a menos. A vida apparece-lhe como um calendario a que faltam já poucas folhas e elle sente os primeiros arrepios do seu fim. E' a idade em que o homem compra um *cache-nez*.

Não ha nada que nos indisponha mais com a vida do que a idéa da morte. Sem a morte toda a gente estaria contente. Cada anno que passa dos sessenta aos setenta, é para o homem uma nova causa de indisposição. Essa é a idade a que nós chamamos — da rabujice. O homem torna-se egoista, intolerante, autoritario, despotico. O traço caracteristico da sua indisposição com a vida que já nada lhe promette, é a sua saudade pelo passado, que tudo lhe deu.

Mas esta verdadeira crise, aos setenta annos, soffre uma consideravel depressão e aos oitenta cessa. Aos oitenta annos, o homem reconcilia-se outra vez com a vida. Mais do que conformidade, o seu sentimento é o de uma tocante indiferença. A idéa da morte deixou de perseguil-o sob a forma de um adversario. Na nossa imaginação, só os perigos tomam forma. Para elle, a morte deixou de ser um perigo. Surprehende-se candidamente de viver tanto e, a cada anno mais, pergunta a si mesmo com curiosidade — mas só com curiosidade! — se ainda viverá mais.

Esta é a idade verdadeiramente respeitavel, digna, augusta do homem. N'esta velha alma que bruxoleia, nenhuma paixão mysteriosa. N'este velho corpo que sobrevive, nenhum malicioso desejo.

No limiar de cada novo anno, os velhos, assim como as creanças, só pedem a vida que lhes dê esta realidade — doces, mais felizes do que nós, que lhe pedimos illusões — amargas.

JOÃO RIMANSO.

A GRAPHOLOGIA

O caso Syveton attingiu o seu maximo de tensão.

Com effeito, a graphologia apode-rou-se d'elle.

Submettidas ao exame dos grapho-logos algumas cartas de madame Syveton, a quem agora accusam de ter assassinado o marido, o publico fran-ces chegou já ás mais vigorosas con-clusões.

«E'—diz um d'esses sabios grapho-logos—uma obstinada, perseverante; e o seu temperamento é brusco, bruta, implacavel, se o excita uma forte commoção. Um outro caracteristico é a sensualidade; apenas os prazeres materiaes valem para essa creatura, affirma-o o graphologo.—Pouca imaginação, e espirito calculado e por vezes cupido.

O graphologo desvenda todos esses caracteristicos desconhecendo quem assignou o autographo, mas ao dizerem-lhe: E' de Madame Syveton, elle soltou um ah! de pasmo admira-tivo, e terminou por accentuar:—«cal-ligraphia anelada, temperamento re-servado».

Dizer depois d'isto que a mulher é um enyigma, é deturpar visivelmente um facto.

A mulher não é um enyigma. A mulher é manifestamente uma carta aberta.

Mas, por outro lado, se a grapho-logia merece um credito tão conside-ravel que por ella se pôde avaliar com precisão o caracter dos indivi-duos, porque tantos e tão repetidos equivocos?

Porque esta exclamação, tão fre-quenté na bocca de homens e mulhe-res:—Enganei-me!

Não ha enganões possiveis, desde que é facillimo ao homem conhecer a mulher e a esta o homem.

Mas não! A graphologia não é uma sciencia. A graphologia é uma mys-tificação, porque se fosse uma sciencia e adquirisse estes fóros, não se escreveria uma linha mais em todo o mundo.

Escrever seria delatar-se e o que faz o encanto da vida social é o mys-terio.



“A Parodia,”

A Parodia muda-se.

A partir do proximo dia 1 de Janeiro, os nossos escriptorios de redacção e administração ficam installados na rua dos Mouros, 37, 1.º andar, para onde deve ser dirigida toda a corres-pondencia.

1904—1905

1905—O que é que o tempo tem afinal a fazer?

1904—Nadal deixar correr—o tempo.

1905—Qual é então a funcção do tempo?

1904—Nenhuma! A funcção do tempo é caminhar para a Eternidade. O tempo em rigor não existe...

1905—Não existe?

1904—Não! Foram os homens que o inventaram. Como apreciar o tempo?—Tanto vale apreciar o infinito.

1905—Comtudo... nós?...

1904—Nós não somos o tempo: somos o calendario. Nós não temos individualidade.

1905—Porque me chamo eu então 1905?

1904—Porque lhe calhou esse nu-mero. A mim calhou-me o 1904.

1905—Porque razão nos empre-tam feitos a nós qualidades e a outros defeitos?

1904—Iniquidades! Assim como não temos individualidade, assim não temos acção. Os homens é que nos fazem. Quando nos fazem bons, so-mos excellentes. Quando nos fazem maus, somos detestaveis. Nunca ou-viste falar no Anno Terrivel?

1905—Se ouvi!

1904—Pois era um anno excellentc.

1905—Tem uma pessima reputa-ção...

1904—Deixa falar. Era optimo! Fez a sua obrigação, teve as suas quatro estações, a sua Paschoa, o seu Natal— a tempo e a horas. Mas qué! os ho-mens é que fazem a Historia e nós é que carregamos com as responsabili-dades—historicas.

1904—Que espiga, hein?

1905—E' o que te digo. Ainda eu, tu tivemos sorte! Portugal não faz historia. O nosso lugar aqui é uma sinecura. A historia que havia a fazer está feita. Ha aqui um anno que gosa de muita consideração... 1640. Tem a Torre e Espada. Temem ha o de de 1820, mas anda muito mettido com com os republicanos, fala nos clubs...

Creio que lhe retiraram a pensão. Tu, por exemplo, tens tanta sorte, que creio que nem apanhas a expedição aos cuamatás. Mas vê, por exemplo, — a França? Ser anno em França é o que se chama uma verdadeira res-ponsabilidade. Os francezes fazem historia todos os annos, todas as se-manas, quasi todos os dias. Não se ganha para sustos! No seculo passa-do, os annos não tiveram mãos a me-dir. Estavam tão cheios de trabalho que dividiam uns com os outros. O anno de 70 por exemplo atirou a Com-muna para as costas do anno de 71.

1905—Ainda bem que temos aqui pouco que fazer!

1904—Pouquissimo...

1905—Vida socegada...

1904—Socegadissima. Os annos em Portugal tem uma unica attribui-ção...

1905—Qual?

1904—E' serem — economicos.

1905—Ah!

1904—Mas não te assustes — São estragadissimos.



ALFREDO MESQUITA

A partir do proximo numero, reto-ma a sua antiga collaboração n'este jornal, o nosso amigo e collega Alfre-do Mesquita.



GUITARRA DA PARODIA

MOTE

Consortio:—Fim da esperança
De uma alma á outra unida,
Enlevo de um só momento,
Cadeia de toda a vida.

João de Deus.

GLOSA

De um olhar encantador,
De um suspiro que se arranca,
Como brota a rosa branca
Brota nas almas amor:
Entranhado esse fervor,
Profundas raizes lança;
E tanto a paixão avança,
Tanto no peito combate,
Até que chega o remate,
Consortio—fim da esperança.

Julgamos findada a magua,
Chegado aquelle inomento,
Ficamos como o sedento
Quando chega á borda d'agua:
Não descobrimos a fragoa
A nosso olhar escondida;
Temos a joia querida
P'ra dar á dita ralevo,
E só pensamos no enlevo
De uma alma á outra unida!

Com alegria simploria
Encaramos um futuro,
Que não pôde ser mais puro,
Que não pôde ter mais gloria!...
E não nos vem á memoria,
Não nos salta ao pensamento,
Que aquelle contentamento,
Aquella ancia appetecida
Não passa de ser na vida
Enlevo de um só momento!

O preso, lá entre a grade,
Padece tortura immensa,
Porém, cumprida a sentença,
Espera ter liberdade:
Esposo, embora se enfade
D'uma mulher, desquerida
Por se tornar atrevida,
Se não lhe acode o divorcio
Fica preso no consortio,
Cadeia de toda a vida!

VENANCIO

1904-1905



Tal pae, tal filho

Lamuria da velha

Padre, Filho, Esp'rito Santo,
Santinhos da minha fé!
A jorros corre o meu pranto
Pois vejo, cheia de espanto,
Que augmenta o preço ao rapé!

A Mandona dos Tabacos
Inda se julga infeliz,
Arrecadando patacos
Na exploração dos buracos
Que nós temos no nariz!

O pão, sabemos nós bem
Que é roubado — e tudo o diz
Desse Lisboa a Belem...
Agora querem *tamem*
Roubar o pão do nariz!

Que ha de ser de nós, jarretas,
Que ao céu pedimos a paz
E nunca lêmos gazetas...
Quando para *inxaquetas*
Falte o remedio *infiças* ?!

O' senhor Franco de Faro,
Que dizem que tudo póde,
Faça no caso reparo...
Pedimos o seu *imparo*.
Veja lá se nos acode.

Senhor Beirão, que ao paiz
Quer *arrincar* a manqueira
Que o leva a vaza-barris...
Metta o famoso nariz
N'esta questão tabaqueira!

Senhores, que vêm do Douro;
E que esperam de ser trunfos
Para cantarem em côro...
Mettam lá mais este louro
Na c'róz dos seus triumphos!

Guerra!... Saltem ás *gadelhas*
D'esses que almoçam *pirum*,
Têm seges, boas parelhas...
E dos narizes das velhas
Não fazem caso *ninhum*!

Guerra!... O céu manda enxotar
As artes vis do demonio...
E, p'ra Deus os ajudar,
Não cessarei de resar
O responso a *Sant' Antonio!*

SIMPLICIO.

Uma peça de theatro e uma peça de panno

A proposito do *Rei Lear* em D. Maria, os jornaes tem perguntado se é permitido desfigurar as grandes obras da litteratura theatroal para as adaptar ás conveniencias do publico. A nosso ver—podem.

O *Rei Lear*, por exemplo, está n'estas condições. No original inglez não é em rigor uma peça de theatro. E' uma peça de panno. Esta peça de theatro, como as peças de panno, não tem soluções de continuidade.

O que fazem os adaptadores?
Vendem-n'as a retalho, á jardá, ao metro.

O *Rei Lear*, sem intervallos, não é um espectáculo: é um semicupio. Só se está tanto tempo—no banho.

Assim, entremeiado de cigarradas e copinhos de geleia, leva-se ao fim.

Os doidos com julzo

Continuam a fugir doidos de Rilhafolles, ou, para que sejamos mais grammaticaes,—continuam os doidos a fugir de Rilhafolles.

O ultimo que fugiu — dizem — tinha a mania das grandezas e, por esse facto, foi reconhecido.

Não nos parece concludente.

A mania das grandezas não se alija systematicamente em Rilhafolles.

Se tivéssemos de internar em Rilhafolles todos os individuos accometidos da mania das grandezas, Rilhafolles seria insufficiente. Teriamos de pedir accommodações, pelo menos, ao Conselho de Estado.

Philosophia de chumbador

A vida é como o fumo, quando passa
Por canudo, ao sair da chaminé;
D'ahi a bocadinho ninguem vê
Nem a mais leve sombra de fumaça.

O homem, quando elle chega a ser barbaça,
Faz nas grandes riquezas fincapé...
E a tão pedaço d'asno chega até
Que em mil teias d'aranha se embarça,

Um carruagem quer, outros palacios...
Sem lhes lembrar—grandissimos Pancracios
Que a morte a tudo aquillo deita o gancho!

Tenham philosophia, almas damnadas;
Andem, como eu, de botas arrombadas,
E juntem-se, na tasca, aos do meu rancho!

Significados ingliezes

A proposito da proxima viagem dos duques de Connaught a Portugal, escreve um dos nossos confrades:

«Tanto para o paiz visinho como para Portugal, a proxima visita dos duques de Connaught parece ter significado mais amplo do que um simples cumprimento de cortezia».

Pelo que vemos, ainda estamos em materia de inglez no periodo dos significados.

Echos de guerra

Telegramina de Londres:

«Telegrapham de Tokio que as baterias japonezas postadas em volta de Porto Artur, alcançam já Sebastopol, cuja destruição é imminente.»

E nós a imaginarmos que Sebastopol já tinha capitulado.

Enfim! E' uma *reprise*.



Na Trindade, uma nova revista—*Os Raios X*,—de Esculapio e Caracoles dois nomes de guerra, em tempo de paz.

O empresario Taveira tem recebido grandes applausos por este sua nova iniciativa theatral, tão audaciosa quanto o podem ser as iniciativas caras—scenario, *mise-en-scene* e todo a *tremblement* das façanhas de theatro.

No 1.º acto da revista, Camões e os seus companheiros de gloria descem do pedestal da sua estatua e vem tomar um capilé ao homem dos refrescos.

Esta idéa teve grande exito. E' o primeiro successo real de Camões, depois dos *Luçidas*.

* * *

No D. Amelia representou-se uma nova peça de idéas—*A Clareira*.

E' uma demonstração eloquente de que ha uma consideravel distancia entre as idéas e os factos.

Moralidade: o homem põe e o dramaturgo dispõe.

* * *

Com a sua nova viagem á India, no theatro Avenida, Sousa Bastos descobriu—o Brazil.

Uma salada—russa

Cedendo ás pressões da opinião russa, parece que o imperador vae promulgar algumas medidas liberaes.

Vimos ha pouco o programma das reivindicações dos liberaes russos.

E' uma salada—russa.

Parece que o imperador se limitará a alguns rabanetes.

Ourivesaria e Relojoaria
com officina amessa
de fabrico e
de montos

JIAS
COM
bilbantes
PREÇOS
limitadissimos
99, RUA AMEA, 99

FLORINDO

SORTE GRANDE

N.º 3:305

BILHETE INTEIRO

150.000\$000

N.º 6:339

BILHETE INTEIRO

10.000\$000

Vendidos na casa de cambio
DE

VIERLING & C.ª L.ª DA

44, Rua do Arsenal, 44
esquina do Largo do Pelourinho

Grande sortimento

para a loteria de 31 do corrente
PREMIO GRANDE

50:000\$000



ORTHOPEDIA

CASA ESPECIAL DE FUNDAS
e aparelhos orthopedicos

DE **MANUEL MARTINS**

FORNECEDOR DOS HOSPITAIS CIVIS, CASAS
DE SAUDE, DE BENEFICENCIA,
ASSOCIAÇÕES DE SOCCORROS MUTUOS, ETC.

154, Rua da Magdalena, 154-A

(ANTIGA Calçada do Caidas
Proximo ao Largo de Santa Justa)—Lisboa

UM CONSELHO D'AMIGO

Useo, se soffreis de qualquer das doencas
abaixo enumeradas, o purgativo **Dias**
Amado esse preparado cujos efectos tem
assombrosos milhares de doentes condemnados
a soffrerem eternamente. Para que vos
fique desde logo a convicção intima de que
estae em presença do unico remedio que
vos pode garantir uma cura e consequente-
mente a tranquillidade do vosso espirito e
da de todos os membros da vossa familia—
useo como experiencia, apenas 3 frascos, que
allos serão sufficientes para que encontreis
o remedio rapido e certo do restabelecimen-
to. Garantimos a vossa cura nas seguintes
doencas: Utero e ovarios, tumores rheuma-
tismo, syphilis, chagas, escrofulas, olhos,
feridas e diabetes e em todas que provenham
de impureza de sangue.

Deposito Geral—Pharmacia Ultramarina

RUA DE S. PAULO, 101, LISBOA

Preço de cada frasco, 1\$000 réis

CHARUTEIRAS

Cigarreiras, tabaqueiras, boquilhas, ca-
chimbos, etc.

Artigos de papelaria, publicações, aguas e
jornaes.

Variado sortimento em bilhetes postaes
Illustrados.

Tabacos nacionaes e estrangeiros, das
melhores procedencias.

55, L. do Conde Barão, 55 — Lisboa

PREMIOS GRANDES VENDIDOS NA CASA

Campião & C.ª

118, Rua do Amparo, 118

LISBOA

6:782..... 30:000\$000

(Cautellas)

1:284..... 4:000\$000

(Cautellas e vigesimos)

O bilhete da immediata lei sub-dividido em 638

desenas e cautellas de todos os preços

Os numeros mais premiados, vendidos na casa, na

extração do dia 24, foram:

6782	30000\$000
1284	40000\$000
678	60000\$000
6784	57000\$000
113	40000\$000
1077	40000\$000
2211	40000\$000
3025	40000\$000
514	40000\$000
2250	30000\$000
3475	30000\$000

Com 200\$000

765, 1103, 950, 1665, 1717, 1741, 1681, 1682, 216, 2573,
1630, 2032, 2744, 2768, 3505, 3624, 4258, 4271, 5080, 5716,
5, 6-00, 6120, 6258, 6295, 6774, 6783.

Ultima loteria do anno, extração a 31 de dezembro

Premio Maior 50:000\$000

Bilhetes a 24\$000, meios a 12\$000, quartos a 6\$000,
decimos a 2\$400, vigesimos a 1\$200, cautellas a 550, 330,
220, 110, e 60 Réis.

Pelo correio accesse a despeza de porte e registro.
Pedidos aos cambistas

Campião & C.ª

VINHOS WENCESLAU

Champagnes

Nacionaes e estrangeiros

VINHOS

Porto, Madeira e Xerez

COGNACS E LICORES

Vinhos de meza
especiaes

20, Praça Luiz de Camões, 20

Telephone 907

A LUVA VERDE

Chiado, 29

Os operarios luveiros em sociedade.
Limitando-nos apenas a tirar as nossas fe-
rias semanaes independente e o motivo pelo
que podemos vender aos preços seguintes:
Luvas de pelica, 1.ª, 3 botões..... 380
" " Suede, 1.ª, 3 botões..... 350
" " á ingleza, 1.ª..... 670
" " superior..... 750
" Inglezas importadas..... 17000

A LUVA VERDE

Chiado, 29



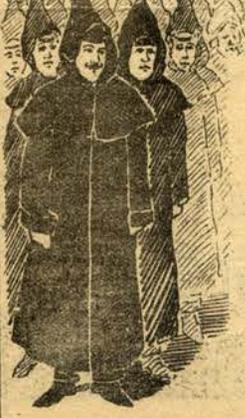
Peço a V. Ex.ª a fizeza de não
comprar chapaus sem primei-
ro visitar este estabelecimento

CALLISTA EFFECTIVO DA CASA REAL

Gaston Piel

Das 9 da manhã ás 5 da tarde

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 16



Gabões de Aveiro de 3\$800 a 25\$000
Sobretudo de modo de 6\$000 a 25\$000
Gabões para senhoras e meninas de 4\$500
a 48\$000 réis.
CASA DAS TESOURAS
51 — R. de Escola Polytechnica — 55

Companhia União Fabril

Rua 24 do Julho, 940

LISBOA

Recompensas obtidas em 1904
pelos seus productos

EXPOSIÇÃO DE S. LOUIS

O Grand prix

em velas e sabões, Grupo 23

Uma medalha d'ouro

em adubos, Grupo 20

Uma medalha d'ouro

em oleos e bagaços cumestiveis,
Grupo 84

Uma medalha de prata

em oleos não cumestiveis,
Grupo 95

EXPOSIÇÃO AGRICOLA

DO PORTO

O 1.º PREMIO

Medalha d'ouro

Diploma d'honra

em velas, sabões, oleos, etc.

TOSSES

Curam-se com as pastilhas peitoraes do
Dr. Cruz. Preço de caixa 300 reis.

FRIEIRAS

Curam-se com o balmão de Warrem
composto. Preço do frasco 300 reis.

CALLOS

Extraem-se com o callicida de Cyrino.
Preço do frasco, 200 reis.
Pharmacia C. da Silva. R do Diario de No-
ticias, 113, Lisboa.

Bagacos oleaginosos e Tourtiaux alinhentares
para engorda e sustento de gado.

Oleos de Blandine, óleo linhaca, purgativa,
mentol e tectino.

Adubos, Chibritas e Massas de Purgativa
para todas as culturas.

Sabões e Velas
para illuminação de todas as qualidades.

N.º 103 — LISBOA, 29 DE DEZEMBRO

2.
ANO
1904



FIM DO SEGUNDO VOLUME